



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
JULHO 2024

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Julho 2024, 3

Importações, 7

Apêndice A – Julho 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Julho 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
- Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Pedro Henrique Ferreira Matos (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

EDITORAÇÃO

Nando Cordeiro

As exportações baianas iniciaram bem o segundo semestre, registrando aumento de 2% em julho, comparado a igual mês de 2023. O valor exportado atingiu US\$ 1 bilhão, recorde no ano, e foram impulsionadas pelo efeito preço, especialmente de *commodities*. Em julho, no comparativo interanual, os preços médios subiram 17,3%, enquanto o volume embarcado no mês apresentou queda de 4,8%.

Os setores de soja e derivados, com aumento de 32,7% (US\$ 367,5 milhões), papel e celulose (51,8% a US\$ 153,2 milhões), derivados de cacau (187,2% a US\$ 53,9 milhões), algodão (44,4% a US\$ 44,1 milhões) e café (82,4% a US\$ 22,5 milhões), deram as maiores contribuições para o incremento das vendas externas em julho no comparativo interanual.

As importações cresceram ainda mais, 28,9%, totalizando US\$ 906,2 milhões, ratificando sua tendência de alta desde março, em consonância com a demanda doméstica mais forte, principalmente devido ao mercado de trabalho e ao aumento dos preços dos combustíveis.

As exportações agropecuárias foram o único agregado a subir no mês passado dentre os setores de atividade econômica, com alta de 33,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. A indústria extrativa registrou queda de 13,2%, enquanto a indústria de transformação teve redução de 15,9%, puxadas, mais uma vez, pelo fraco desempenho do refino (-57,7%) e da petroquímica (-27,9%); reflexo do encolhimento das vendas para a Argentina, da menor demanda por óleo combustível e pela cada vez mais acentuada falta de competitividade da petroquímica nacional, o que tem prejudicado as exportações baianas, elevando a ociosidade na indústria, hoje, na ordem de 35%, segundo a Abiquim.

Em relação aos destinos, as exportações cresceram para todos os principais mercados, com exceção dos EUA, que registrou encolhimento no mês de 19,4%, e para a Argentina, para onde as vendas desabaram 59%.

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), neste ano, a América Latina deverá crescer 1,7%. Para 2025, a Cepal projeta uma melhora no crescimento de 2,3%, puxada por um aquecimento das economias dos países da América do Sul.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-jul. – 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	6.142.408	6.376.032	3,80
Importações	5.442.616	6.530.406	19,99
Saldo	699.791	-154.374	-122,06
Corrente de comércio	11.585.024	12.906.437	11,41

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 ago. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A Cepal estima um crescimento médio de apenas 0,9% na América Latina, no período 2015-2024, como resultado da baixa produtividade do trabalho, falta de investimentos e um espaço fiscal limitado para implementação de políticas macroeconômicas para reativação da economia, bem como pela incerteza global. Esse resultado é bem inferior ao crescimento médio da década de 1980, de 2%.

Para superar essa armadilha do baixo crescimento e criar empregos de qualidade, os governos precisam articular políticas macroeconômicas e de desenvolvimento produtivo que estimulem o investimento e a produtividade, e permitam alcançar crescimento inclusivo e sustentável, aponta o relatório da Cepal.

Além dos problemas internos, a região deverá sofrer com os impactos dos conflitos geopolíticos, provocando possíveis interrupções nas cadeias de suprimento globais e aumento no preço dos alimentos e consequentemente da inflação.

Para o Brasil, a agência prevê crescimento de 2,3% neste ano e 2,1% em 2025 – a piora se deve a condições climáticas desfavoráveis para a produção agrícola.

Somam-se aos fatores internos os desafios do cenário externo, onde a combinação de tensões geopolíticas, medidas restritivas comerciais, conflitos regionais, peso da dívida e crises setoriais configuram um cenário de elevada incerteza e risco e podem impactar severamente a região, diz a Cepal.

Em relação ao cenário externo, os desafios se aprofundam. Os países estão cada vez mais recorrendo a medidas protecionistas, dificultando o comércio, e aqueles que podem adotar ainda medidas de apoio

à produção local. É um mundo de comércio cada vez mais controlado e fragmentado.

Nos EUA, em especial, prevalece a tendência de elevar as tarifas sobre as importações americanas, particularmente as vindas da China, promovendo um significativo programa de (re)industrialização via substituição de importações, um objetivo também perseguido pelo atual presidente, ainda que focando mais em subsídios aos investimentos.

Três fatores principais parecem motivar essa postura. Um, de caráter mais geopolítico, é o desejo de reduzir a integração econômica entre os Estados Unidos e a China. Outro vem da visão de que a indústria é parte da cadeia de defesa nacional. E, um terceiro, é o potencial de votos, devido à eleição em novembro, que podem vir de políticas voltadas a gerar empregos nos estados do Meio Oeste americano, que tendem a ganhar com essas políticas.

Há sérias dúvidas se os Estados Unidos serão bem-sucedidos nessas políticas. A visão dominante é que a proteção tarifária junto com os estímulos fiscais irão resultar em apreciação cambial, o que reduziria a competitividade americana. Os Estados Unidos poderiam pressionar para haver um esforço coordenado com outros países para depreciar o dólar, como nos anos 1980. Mas dificilmente teria sucesso, dado o gigantesco volume de recursos que seriam necessários para promover uma desvalorização suficiente do dólar. Algo assim só seria possível se o dólar deixasse de ser a moeda dominante nas transações comerciais e financeiras internacionais, o que dificilmente valeria a pena para os Estados Unidos.

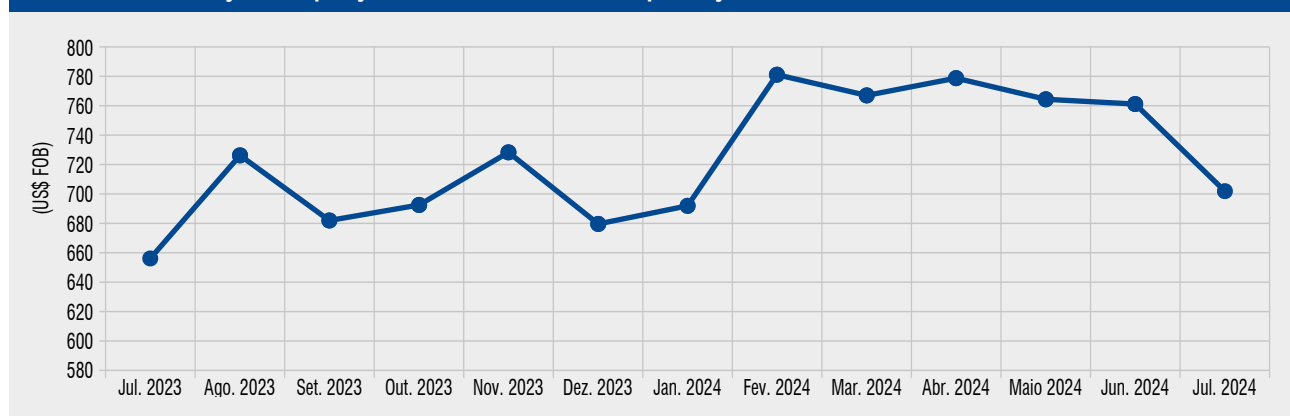
Não obstante, se os EUA impuserem novas barreiras às importações, isso reduzirá o crescimento tanto na Europa como na China. Esta, em especial, tem dependido significativamente do aumento das suas exportações para crescer, em um quadro de baixa expansão da demanda doméstica. É um risco relevante, visto que, nos últimos anos, a China embarcou em um programa de elevados investimentos na produção de manufaturados, com foco em produtos intensivos em tecnologia, uma iniciativa que pode gerar elevada capacidade ociosa, na ausência de um crescimento mais forte das exportações.

Não deixa de ser estranho que, um século depois, o mundo esteja caminhando para políticas comerciais e cambiais que lembram bastante, ainda que com menos intensidade, o que se viu no entre guerras. É torcer para que o bom senso – e o internacionalismo – prevaleça antes que haja, como então, um impacto mais forte sobre a saúde da economia mundial.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado permaneceram acima dos praticados em igual mês de 2023, seguindo a tendência de alta registrada desde janeiro neste comparativo, embora em julho tenha sido registrado um arrefecimento dessa trajetória. Eles tiveram recuo, na média, de 7,8% ante o mês imediatamente anterior, ficando, ainda, 7% acima quando comparados ao mesmo mês do ano anterior. No acumulado até julho, comparado no comparativo interanual, o aumento médio foi de 10,4%.

A forte depreciação do real na reta final do primeiro semestre mudou o cenário da rentabilidade para vários

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2023-2024



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 17 jul. 2024
Elaboração: SEI.

ramos exportadores para o restante de 2024. De janeiro até maio, a forte queda dos preços de importantes produtos da pauta exportadora imprimiu grande perda de atratividade da atividade exportadora, superando com alguma folga a queda dos custos de produção e a desvalorização do câmbio no mesmo período.

De acordo com acompanhamento feito pela Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), o índice de rentabilidade das exportações tem queda de 0,9% no acumulado de janeiro a junho, na comparação com o mesmo período de 2023. Até maio, esse recuo era maior, de 2,3%.

O câmbio é o principal fator que tem feito a balança da rentabilidade voltar a se aproximar do azul. No primeiro semestre, a moeda americana acumulou valorização de 15,2% – apenas em junho, alta foi de 6,5%.

Em um sinal de que o cenário mudou rapidamente, a rentabilidade das exportações subiu 4,4% de maio a junho, sendo que o câmbio teve influência preponderante, com alta de 5%. Naquele mês, o índice de preços das exportações se manteve estável, e o índice de custo subiu 0,6%.

A soja, segundo a última previsão da Conab em junho para a safra 2024/25, deve apresentar um ciclo de baixa, apesar da maior área plantada, com aumento de 3,1% em relação à temporada passada, alcançando um total de quase dois milhões de ha. A produção deve recuar em 3,1%, para 7,48 milhões de toneladas na atual temporada, em comparação com o ciclo anterior. Com isso, a produtividade estimada é de 3,78 toneladas/ha, a maior do país, representando uma queda de 6,0%.

Após a produção recorde de grãos em 2023, tanto o IBGE como a Conab estimam uma produção menor de grãos na Bahia em 2024, devido ao fenômeno El Niño, que afetou negativamente as condições climáticas, prejudicando algumas regiões produtoras no estado. Assim, destaca-se, entre os grãos, a queda da produção de soja, principal produto de exportação do estado.

As exportações do setor cresceram significativamente em julho, a US\$ 367,5 milhões, 32,7% acima de julho de 2023. O quantum também se elevou em 52%. No ano, o setor apresenta recuo de 3,5% em suas receitas, apesar do aumento do volume embarcado em 14,7%, reflexo da contração nos preços médios em 15,8%.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-jul. – 2023/2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	1.552.967	1.499.269	-3,46	23,51	-15,84
Petróleo e derivados	1.488.184	1.250.968	-15,94	19,62	13,56
Papel e celulose	710.248	871.725	22,74	13,67	16,27
Químicos e petroquímicos	642.057	536.020	-16,52	8,41	1,87
Algodão e seus subprodutos	131.552	430.079	226,93	6,75	5,13
Metais preciosos	364.586	405.037	11,09	6,35	216,40
Minerais	287.624	389.751	35,51	6,11	95,48
Café e especiarias	99.999	161.963	61,96	2,54	-1,92
Metalúrgicos	225.033	132.076	-41,31	2,07	-36,77
Cacau e derivados	118.362	235.384	98,87	3,69	109,46
Borracha e suas obras	116.998	107.219	-8,36	1,68	9,85
Frutas e suas preparações	95.542	98.333	2,92	1,54	20,43
Calçados e suas partes	54.195	52.117	-3,83	0,82	14,53
Sisal e derivados	51.437	42.401	-17,57	0,67	2,91
Couros e peles	19.680	32.275	64,00	0,51	-26,92
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	11.217	27.775	147,62	0,44	21,33
Fumo e derivados	15.265	19.536	27,98	0,31	21,82
Carne e miudezas de aves	33.876	38.185	12,72	0,60	15,26
Milho e derivados	89.207	5.552	-93,78	0,09	-22,82
Demais segmentos	39.438	48.714	23,52	0,76	-7,14
Total	6.142.408	6.376.032	3,80	100,00	10,39

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 ago. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

O eventual retorno do republicano Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos aumenta a pressão de baixa sobre as cotações internacionais de soja que já estão no menor patamar em quatro anos. A razão é que a volta de Trump pode recrudescer a guerra comercial dos EUA com a China, afetando a demanda pelos grãos produzidos pelos americanos, segundo analistas.

Mas, independentemente do resultado da eleição nos EUA, por ora, a tendência de queda dos preços já é uma realidade devido às perspectivas para a produção. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) prevê uma safra de 120,70 milhões de toneladas de soja nos EUA no ciclo 2024/25, alta de 6,5% em relação à temporada anterior. Para os estoques finais, o órgão prevê crescimento de 26,1%, com 11,85 milhões de toneladas.

Há, portanto, uma razão bem fundamentada para o cenário atual dos preços. O relatório trimestral de estoques do USDA trouxe aumento de 22% nas reservas de soja do país em relação ao ano passado, com volume acima da média dos últimos dez anos. Por isso temos preços tão deprimidos.

Em 2022, a soja chegou à máxima de US\$ 15 o bushel, reflexo da pandemia de covid-19. Para os analistas do setor, pode haver uma reversão de tendência se o fenômeno climático La Niña ou a temporada de furacões afetarem negativamente a produção americana. Ou se irregularidades climáticas impactarem o plantio da safra 2024/25 no Brasil em setembro.

Em sentido contrário, apesar das dificuldades climáticas, estima-se novo recorde de produção do algodão no estado. Segundo a Conab, a produção de algodão está estimada em 1,63 milhão de toneladas, plantada em 346 mil ha, o que representa um crescimento de 6,8% em relação ao ciclo 2022/2023. Essa expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à expectativa do aumento do mercado internacional.

As vendas ao exterior do produto atingiram US\$ 430,1 milhões, 227% superior a igual período do ano passado. Os embarques somaram 228,3 milhões de toneladas, com crescimento de 211%. Os preços médios acusaram elevação de 5,1% no comparativo interanual até julho.

O Brasil se tornou o maior exportador de algodão do mundo. O feito aconteceu devido ao desempenho da safra 2023/2024, com a colheita de mais de 3,7 milhões de toneladas. A Bahia é o segundo estado em produção, atrás do Mato Grosso.

Esta é a primeira vez que o país consegue o feito. Com a grande safra, até mesmo o gigante Estados Unidos foi superado. Entre os principais mercados do algodão brasileiro estão China, Vietnã, Bangladesh, Turquia e Paquistão.

O setor de papel e celulose vem registrando bom desempenho na pauta este ano, com vendas até julho de US\$ 871,7 milhões e crescimento de 22,7%. Os preços estão em média 16,3% acima de igual período do ano passado, enquanto que o volume embarcado subiu 5,6%.

A dinâmica do mercado de celulose segue forte na Europa e América do Norte, enquanto na China, os consumidores começam a voltar às compras, depois de terem reduzido pedidos a partir do fim de abril. Em todas as regiões, os estoques da matéria-prima seguem abaixo dos níveis normalizados, com “demanda saudável”.

Apesar do cenário positivo, para o segundo semestre, do lado do consumo, o curto prazo corresponde a um momento de preços mais baixos, em meio ao aumento da oferta da matéria-prima com o início de operação de outras plantas, inclusive no Brasil.

O custo caixa de produção de celulose no terceiro trimestre deve subir “um dígito baixo”, refletindo a taxa de câmbio, o maior consumo de madeira de terceiros com a entrada de novas unidades produtoras e preços potencialmente mais elevados de alguns insumos, em particular a soda cáustica.

O setor químico/petroquímico registrou, no acumulado até julho, vendas de US\$ 536 milhões, 16,5% abaixo de igual período do ano passado. Na esteira do aumento dos preços do petróleo, o segmento alcançou preços em média 2% maiores no comparativo interanual. O volume embarcado, por sua vez, encolheu 18% no período.

Se os desafios de competitividade enfrentados pela indústria química e petroquímica instalada no país persistirem no longo prazo, o setor poderá reduzir

ou fechar capacidade produtiva. Além do pior ciclo de baixa vivido pelo setor globalmente, a indústria brasileira enfrenta dificuldades adicionais, relacionadas ao maior custo de matéria-prima e a custos estruturais mais elevados do que os vistos por produtores instalados em outras regiões.

Na China, também houve aumento substancial da capacidade instalada na indústria petroquímica, que não tem sido absorvido pelo mercado doméstico,

contribuindo para a sobreoferta global. Diante disso, produtores ao redor do mundo já fecharam fábricas ou estão avaliando medidas similares.

No curto prazo, a indústria já pediu a elevação temporária das tarifas de importação de algumas dezenas de produtos, para 20%, mas ainda não foi atendida. A expectativa é que a Câmara de Comércio Exterior (Camex) se posicione no terceiro trimestre.

As importações cresceram mais que as exportações no ano, atingindo US\$ 6,53 bilhões até julho, 20% acima de igual período de 2023. Em julho, elas totalizaram US\$ 906,2 milhões com incremento de 28,9%, ratificando sua tendência de alta desde março, em consonância com a demanda doméstica mais forte, principalmente devido ao mercado de trabalho e ao aumento dos preços dos combustíveis.

O aumento tanto no mês quanto no ano foi encabeçado mais uma vez pelos combustíveis, com crescimento de 126,1% nos valores e 74,4% em volume e de 51,7% e de 8,6% respectivamente no acumulado do ano

Em relação às compras de bens intermediários (insumos e matérias-primas para a indústria), houve recuo de 3,6% em julho e de 4,2% no ano, enquanto na categoria de bens de capital (máquinas e equipamentos) houve redução de 18,5% no mês e de 7,5% no acumulado, com base no comparativo interanual.

Deve-se destacar que o aumento das importações no ano vem acontecendo por meio dos volumes com alta de 30,7% (movimento puxado, por sua vez, pelo crescimento da atividade econômica), já que os preços médios dos produtos importados apresentam recuo médio de 8,2%.

O comportamento das importações no segundo semestre ainda é uma incógnita. De um lado, a economia vem dando provas de uma demanda superior à oferta, o que implica em mais importação. De outro, temos uma concentração muito forte nas compras de combustíveis, que vai depender da dinâmica do setor que é oligopolizado.

As compras de combustíveis representaram 44,6% das importações baianas até julho, com aumento de 74,4% frente a igual período do ano anterior. Uma aceleração nada desprezível.

Outro setor importante da pauta de importações baianas são os fertilizantes. Em julho, as entregas de fertilizantes no mercado baiano caíram 11% em relação a julho de 2023, para 250 mil toneladas. Um ano antes, as entregas haviam somado 225,4 mil toneladas.

Já no intervalo de janeiro a julho de 2024, as entregas totalizaram 1,56 milhão de toneladas, o que representou um aumento de 40,1% em comparação com os sete primeiros meses do ano passado, mesmo com problemas na logística e na queda dos preços dos grãos e da alta do dólar.

Em valores, as compras alcançaram US\$ 486,6 milhões no acumulado do ano, com queda de 1,5%, resultado da queda de preços no mercado internacional.

No acumulado do ano, as exportações alcançaram US\$ 6,38 bilhões, com alta de 3,8%, comparado a igual período de 2023. As importações alcançaram US\$ 6,53 bilhões, valor maior que o das exportações, com alta de 20%. Com isso, houve déficit de US\$ 154,4 milhões na balança comercial do estado no período. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US\$ 12,91 bilhões e incremento de 11,4%.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jul. – 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	3.396.011	3.254.677	-4,16	49,84
Combustíveis e lubrificantes	1.671.113	2.914.591	74,41	44,63
Bens de capital (BK)	290.805	269.002	-7,50	4,12
Bens de consumo (BC)	84.031	91.252	8,59	1,40
Bens não especificados anteriormente	656	884	34,69	0,01
Total	5.442.616	6.530.406	19,99	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 ago. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

